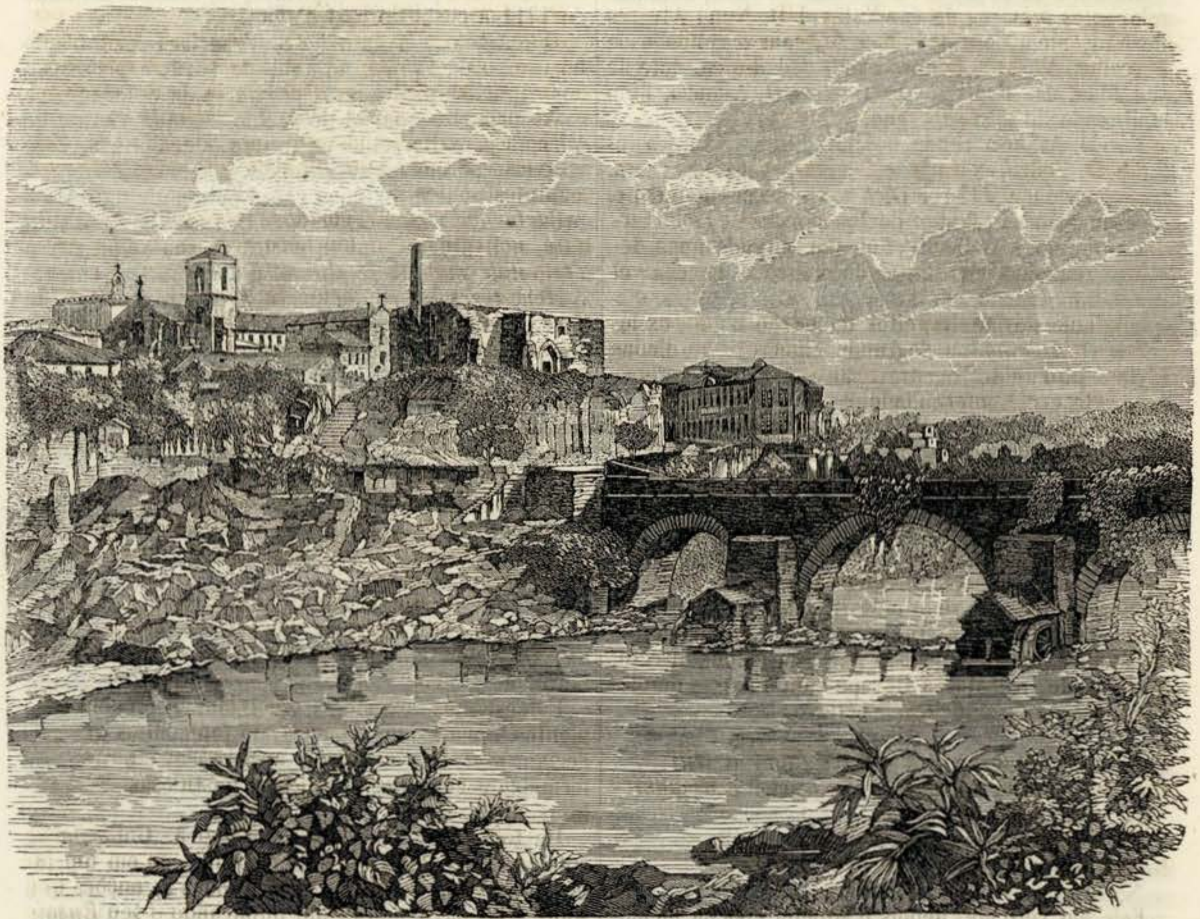


Villa de Barcellos

Esta linda e nobre villa é uma das povoações de Portugal mais graciosamente situadas. Está sentada na margem direita do Cávado, em terreno elevado, quanto basta para bem desfructar as pittorescas vistas do rio, sem ser por este incommodada em occasiões de cheia. A uns dez kilometros de distancia fica-lhe o Oceano, onde o rio vae desaguar. Dista de Braga, para o lado de E, obra de dezoito kilometros; e do Porto para a parte do norte uns quarenta e dois kilometros.

Sobre a sua origem tem dissertado os antiquarios com tão encontradas opiniões, em meio de tamanha escuridão, que não é possivel fazer-se um juizo seguro ácerca da epocha da fundação de Barcellos, e de quem foram os seus fundadores.

Pretendem uns que foram os barcinos, colonia carthagineza, que fundaram, mais de dois seculos antes do nascimento de Christo, Barcellona na Catalunha, e Barcellos no Minho, dando-lhes nomes derivados do seu proprio.

Sustentam outros que esta terra deve o seu principio aos romanos, que a fizeram cidade com o nome de *Aguas Celenas*, por causa do rio Cávado, que então se chamava *Celano*.

Alguns etymologistas querem que o nome primitivo fosse *Barracellani*, Barra do rio Cellano, e que d'ahi se corrompeu no de Barracellos, e depois no de Barcellos.

Outros, rejeitando esta opinião, affirmam, que de uma barca de passagem que alli havia ao tempo da fundação da villa, tomou esta o nome de *Barca Celli*, por abreviativo de Barca Cellani, e que d'este se derivou o actual.

Todavia, o que se póde ter por certo, é que a sua antiguidade é mui grande. Não ha noticias mais positivas do que passou esta terra sob o dominio dos povos do norte, que invadiram e destruiram o imperio romano. Tambem a historia não archivou os seus feitos e padecimentos durante a conquista e dominação dos moiros. E da primeira epocha da monarchia apenas ha memoria de que el-rei D. Affonso Henriques deu foral a Barcellos, o qual foi reformado por el-rei D. Manoel.

D'esta falta de noticias de tempos já muito mais conhecidos, colligimos que não era então povoação de importancia.

Em 1298 creou el-rei D. Diniz conde de Barcellos a D. João Affonso Telles de Menezes, seu mordomo-mór. Foi o primeiro titulo de conde que houve em Portugal; diremos melhor, foi aquella a primeira terra erigida em condado pelos nossos reis. Anteriormente houve condes, mas sem titulo particular de terra alguma. Juntavam ao seu nome a designação d'esta dignidade, como por exemplo — conde D. Mendo, que foi um grande valido d'el-rei D. Affonso Henriques.

A D. João Affonso Telles de Menezes seguiram-se mais seis condes de Barcellos, de differentes familias, entre os quaes se conta D. Pedro, o auctor do *Nobiliario*, e filho bastardo do mesmo rei D. Diniz.

No anno de 1385, el-rei D. João I recompensou os relevantes serviços do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, além de outras mercês, com o condado de Barcellos. Passado poucos annos cedeu-o em dote de sua filha, D. Beatriz, a seu genro D. Affonso, filho legitimado do dito soberano.

Foi D. Affonso conde de Barcellos até que o infante D. Pedro, seu irmão, sendo regente do reino, na menoridade d'el-rei D. Affonso V, seu sobrinho, o creou primeiro duque de Bragança.

Continuou aquelle condado na casa de Bragança até ao reinado de D. Sebastião. Este monarcha erigiu-o em ducado em favor dos primogenitos d'aquella augusta familia, e foi primeiro duque de Barcellos D. João, filho de D. Theodosio 1.º do nome, e 5.º duque de Bragança. Pelo casamento de D. João, que veiu a ser 6.º duque de Bragança, com D. Catharina, filha do infante D. Duarte, duque de Guimarães, coube a esta princeza o direito de successão ao throno por morte do cardeal rei D. Henrique, direito que só teve os devidos effeitos no fim de sessenta annos da usurpação de Castella, pela acclamação d'el-rei D. João IV, 8.º duque de Bragança e neto do duque D. João e de D. Catharina. Desde então ficaram annexos á casa real os titulos de duque e conde de Barcellos.

Deve pois esta villa todas as suas preeminencias e engrandecimento á real casa de Bragança. O duque D. Affonso cercou-a de muros com duas mui altas torres, e edificou ahi um palacio. Seu filho D. Fernando, 1.º do nome, e 2.º duque de Bragança, fundou a collegiada, que ainda subsiste.

Os seus successores concorreram para outras fundações e melhoramentos com que a villa se ennobreceu e augmentou.

No antigo regimen da monarchia, tinha esta villa voto em côrtes, e os seus procuradores n'ellas tomavam assento no banco quatorze.

Foi-lhe dado o seu brasão d'armas pelo primeiro duque de Bragança, e compõe-se do modo seguinte. No centro do escudo, em campo azul, uma torre, uma ponte, e uma ermida com um carvalho á porta. Por cima tres escudos pequenos em faxa, dois com as quinas de Portugal, e o do meio com a aspa vermelha em campo de prata, que era divisa d'aquelle duque.

É Barcellos cabeça de concelho e de comarca, e dividem-se os seus moradores em duas parochias, uma situada dentro dos antigos muros, que é a collegiada, e a outra, da invocação de Santo André, no arrabalde chamado Barcellinhos.

A primeira é dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, mas chamam-lhe vulgarmente Santa Maria Maior.

A instancias do fundador, o duque D. Fernando I, foi eregida em collegiada no anno de 1474 pelo papa Paulo II, com cinco dignidades, prior, chantre, mestre-escola, thesoureiro-mór, arcipreste, e oito conegos.

É um bom templo de tres naves, que, apesar das reedificações que tem tido, ainda mostra a sua muita antiguidade. Em uma das suas capellas está um tumulo, onde jaz Tristão Gomes Pinheiro, fidalgo da casa do duque D. Affonso, a quem este principe encarregou a edificação dos muros da villa, e a do palacio ducal.

Em uma capella por baixo da torre dos sinos está sepultado seu quarto neto, Alvaro Pinheiro, alcaide-mór de Barcellos, e commendador de S. Pedro da Veiga de Lilla. Outros sepulchros d'esta familia attestam ainda a sua muita nobreza.

Além da collegiada, os principaes edificios da villa são, a egreja da misericordia, o hospital, a casa da camara, e o extincto convento dos capuchos.

O hospital, contiguo á egreja da misericordia, e administrado por esta confraria, foi fundado no anno de 1711 á custa do real d'agua.

O extincto convento de S. Francisco foi fundado no campo da Freira, no anno de 1649, e pertenceu aos capuchos piedosos da provincia da Soledade.

No primeiro quartel do seculo passado vieram de Monção para Barcellos as freiras benedictinas. Este convento porém foi supprimido.

Barcellos tem algumas casas nobres de agradavel prospecto, e varias ermidas dentro da villa e nos subúrbios. Conserva muitas partes da sua velha cerca de muros, em que se abriam quatro portas, chamadas da *torre da ponte*, *porta nova*, do *Valle*, e da *fonte de baixo*; e tres postigos, o da *feira*, o das *Vigandeiras*, e o dos *pellames*.

O paço dos duques de Bragança está em ruinas. Não obstante, avulta e campeia com as suas altas paredes, denigridas por mais de quatro seculos, em uma posição pittoresca sobranceira ao rio e á ponte. Perto d'elle vê-se a collegiada.

Abastecem a villa de excellente agua tres chafarizes dentro da antiga cerca, e quatro nos suburbios. A fonte de Ninaes, no arrabalde de Barcellinhos, goza de tal reputação pela frescura e bondade da sua agua, que outr'ora alli a mandavam buscar para beber os arcebispos de Braga. Pelos annos de 1700 foi reconstruida pelo senado da camara com seus ornatos architectonicos. O chafariz do campo da Feira, em frente da ermida do Bom Jesus, tem duas taças, e é de fórma esbelta.

Os arredores de Barcellos são deliciosos pela sua amenidade e belleza, pelo bem cultivado dos terrenos, e pelas margens encantadoras do Cávado.

Este rio, denominado pelos romanos *Celandus*, ou *Celanus*, nasce nas Asturias, e entrando em Portugal dirige-se á serra do Gerez; depois, passando a uma legoa da cidade de Braga, recebe o rio Homem, que tem origem n'aquella serrania.

Corre junto das villas do Prado, onde o corta uma ponte, e de Barcellos, onde tem a bella ponte de pedra que se vê em frente na nossa gravura. E finalmente, desagua no Oceano entre as villas de Fão e de Esposende. É navegavel para pequenos barcos até Barcellos. Os açudes, principalmente, impedem a navegação d'ahi para cima. Na actualidade cuida-se em remover estes embaraços, procedendo-se aos trabalhos de canalisação.

Pescam-se n'este rio salmões, lampreias, saveis, trutas, e outras qualidades de peixe; e dizem que se encontram n'elle amethistas, jacinthos, e cristaes.

Além do peixe do rio, Barcellos é bem fornecida de pescado do alto mar; e é egualmente mimosa de muita diversidade de frutas e hortaliças, que se criam nas hortas e quintas das visinhanças, e de caça, em que abundam todas aquellas cercanias. Tem um bom mercado semanal, ás quintas feiras, e duas feiras annuaes, uma que principia na primeira oitava da paschoa, e a outra a 3 de maio.

Todos os terrenos do concelho são de muita fertilidade. Consistem as suas principaes producções em cereaes, especialmente milho e centeio, legumes, vinho, linho e frutas, sendo as castanhas em grande quantidade.

Conta esta villa, aproximadamente, quatro mil habitantes. Acha-se hoje ligada ás cidades do Porto, de Braga, e de Guimarães por excellentes estradas macadamisadas, em que transitam carreiras regulares de boas diligencias.

I. DE VILHENA BARBOSA.

CHIQUINHO

(IMITAÇÃO DE UM ROMANCE DE CARLOS DESLYS)

(Conclusão. Vid. pag. 366)

Feita a troca, Chiquinho immediatamente voltou na canôa.

Alguns minutos depois, já ia galgando a praia.

Ahi, ficou por um instante indeciso, aturdido, extatico!

Parecia não ter consciencia de coisa alguma, nada saber, e de nada se lembrar.

Mas o frasco recordou-lhe tudo, o frasco que lhe queimava a mão, e que parecia brilhar no meio da noite como uma brasa.

Além d'isso, uma força desconhecida, irresistivel, se apoderava d'elle, conduzindo-o, precipitando-o.

Mais rapido do que um poltro a galope, chegou a casa, trepou a escada, e entrou no quarto da doente.

Nem o senhor Fonseca nem sua mulher haviam voltado ainda da egreja.

A governante, porém, estava alli.

A criança não teve duvida em se ver livre d'ella.

— Chama-a o senhor Fonseca!, disse.

E, immediatamente, ficou só com a sua pobre e querida Eugenia.

Ao ruido da porta, que por duas vezes se havia aberto e fechado, erguêra ella um pouco a cabeça. Viu Chiquinho que caminhava com um ar desusado; alongou mais a cabecinha, e durante alguns segundos, sem se fallarem, a criança e a donzella estiveram a olhar-se.

— Ah! disse ella, rompendo o silencio. Mas que tens tu? Dir-se-hia estares com vontade de fallar!

— Sim! Sim! replicou elle com os olhos, mais ainda do que com os labios. Sim! Dir-lhe-hei tudo agora!

— Vou eu morrer? exclamou ella amedrontada.

— Não! É a vida que lhe trago! é a vida que está aqui!

Chiquinho indicava o frasco.

Indecisa, trémula, não comprehendendo ainda, interrogou-o com o gesto e com o olhar.

Então, com uma voz febril, anciosa, precipitada, mas ensurdecida pelo receio de ser escutado de fóra, contou a visita do africano, as devoradoras hesitações do sr. Fonseca e da senhora, a audaciosa iniciativa d'elle, a sua louca correria até ao mar, e o seu regresso triumphante.

Não terminára ainda, e já a donzella estava de pé, e com mão resoluta se apoderava do frasco.

— Que importa o perigo? Pois se esta é a minha unica taboa de salvação! exclamou ella com uma exaltação valiosa. Quero viver! Oh! Sim! Quero viver!

E dispunha-se já a tomar o veneno.

Mas, parando de repente, e como em piedoso extase:

— Irmão, disse ella. Resemos primeiro, resemos!

A donzella e a criança ajoelharam, e nunca mais fervorosa oração, nunca supplica mais pura se elevou ao ceo.

Já invisiveis anjos pairavam na alcova, á espera de levarem comsigo a alma de uma nova irmã: talvez, sensibilisados e vencidos, iam, sorrindo, retomar seu vôo.

Corajosa e resignada, a doente fazia comtudo um esforço para se erguer, e aproximava o frasco dos labios.

Então é que Chiquinho se lembrou das palavras do africano. — «Uma colhér por hora, e não mais!»

Saltou de um pulo, tentou fallar,... mas, era tarde já! O frasco estava vasio!

A donzella levou vivamente as mãos ao seio, como para d'elle derramar uma viva dor; agitou convulsamente os labios sem conseguir articular um som; abriu desmedidamente os olhos, estendeu as mãos, oscillou sobre si propria, e, quasi immediatamente, como ferida do raio, caiu.

Chiquinho soltou um grito, e recuou, com a vista espantada e os cabellos erguidos.

O que em seguida se passou, foi como um sonho para elle, um sonho horrivel! O quarto encheu-se de repente; o pae e a mãe precipitaram-se como loucos sobre a filha, e procuraram em vão que ella tornasse a si. Depois, viram o frasco no chão, adivinharam tudo pela perturbação de Chiquinho, e, a final, este anathema terrivel caiu sobre elle:

— Desgraçada! Está morta! E foste tu... que a mataste! Tu!

A criança não ouviu mais; perdido de espanto, de desespero, de remorso, fugiu.

X

Algum tempo depois, quando iamos para a mesa cear tranquillamente, Margarida e eu, vimos entrar de repente o nosso filho, pallido, magro, attonito, com os cabellos em desordem, e o fato em farrapos.

Admirados, hesitando ainda em o reconhecer, corremos para elle, fizemol-o sentar, perguntámos-lhe mil coisas:

— Está morta! respondia elle insensivelmente, e com um olhar fixo, com uma accentuação estranha: Está morta, e fui eu que a matei!

Depois, caiam-lhe grossas lagrimas pela carita abaixo. Nós, o mais que entendiamos d'isto é que nos chegára uma grande desgraça.

Teve logar n'essa mesma noite uma longa explicação. Advertido pelos rumores da aldeia, o regedor appareceu-nos em casa, e disse-nos ter recebido uma carta, que para nós deveria ter ficado um segredo, se o menino não tivesse voltado. O sr. Fonseca advertia-o que Chiquinho havia desapparecido de casa d'elle, que o estavam procurando activamente por toda a parte, e que lhe pedia o prevenisse immediatamente, no caso de alli apparecer em Giraldes.

— Escreverei ámanhã! concluiu o regedor, e logo que chegue carta, lhes virei dar uma explicação completa.

Ficámos esperando, mas com a morte n'alma.

Por mais que fizessemos, era impossivel obter de Chiquinho outra coisa que não fossem estas palavras, pelas quaes nos saudára ao voltar, e que sem cessar repetia no mesmo espasmo:

— Está morta! A minha irmã Eugenia! E fui eu... que a matei!

O que de tudo isto se deixava perceber melhor, era que o nosso filho estava doido...

Finalmente, a resposta annunciada contou-nos tudo.

Mas, o que não teriamos supposto é que a menina D. Eugenia estivesse viva, bem viva. Ella tinha sido salva, principalmente porque bebêra de um só trago tudo o que continha o frasco, e o bom Deus dos christãos, o nosso bom Deus, tinha sido servido de operar por este meio um milagre.

Eu não sou medico, senhor, portanto, não poderia explicar-lhe isto; pelos modos, a violencia mesma do remedio tinha deitado fóra á doente toda a parte mortal, e a parte salutar, ficando só, cortára radicalmente a febre. Depois de uma crise terrivel, mas curta, a cura immediatamente se fizera sentir, e no dizer do africano a saude voltava com uma rapidez maravilhosa; em pouco tempo, nós mesmos

poderiamos julgar das suas melhoras, vendo-a. O sr. Fonseca assegurava-nos o seu reconhecimento, e dizia-nos: — Tenham esperança tambem de que Deus salvará o seu Chiquinho! Quando nós perdiamcs a coragem, serviu-se Deus d'elle para resuscitar nossa filha: elle deu-lhe a vida, ella ha de dar-lhe a razão!

Ah! aquillo parecia-nos um sonho, senhor! Lemos e relemos esta carta diante de nosso filho, pozemos em obra todos os meios imaginaveis para lhe demonstrar que se enganava, para lhe fazer crer que sua irmã Eugenia ia voltar; a todos os nossos raciocinios, a todas as nossas affirmativas, não respondia elle senão a sua triste phrase:

— Fui eu que a matei! Está morta!

Em quanto ao que se passára durante o mez que se seguíra á sua fugida, nunca o soube com todas as particularidades. Conseguíra metter-se n'um vapor, e viera da Madeira para Lisboa como quem vae de casa para a horta; depois, a pé, fizera jornada até Giraldes, não andando senão de noite, e vivendo, creio eu, de esmolas durante quatro dias. Assim foi que voltou para nós, fatigado, cadaverico, quasi tão perdido de corpo como de espirito.

Quinze dias se passaram, durante os quaes a sua saude ao menos se restabeleceu, e retomou parte das côres d'outr'ora; em quanto, porém, á sua intelligencia, parecia extincta para sempre.

Ao vel-o, todavia, ninguem ia cuidar tal; a não ser o seu olhar fixo, a amargura do sorriso, era um lindo rapazito. A sua loucura era suave, mas inalteravel.

Uma noite em fim, uma formosa noite de outono, estavamos ambos na praia; era o sitio de que elle gostava mais, por ser alli que a víra da primeira vez.

Debalde eu procurára alegral-o um pouco, em vão me esforçava para fazer sorrir a sua melancolia; parecia apenas ouvir-me, e brincando com a areia repetia de tempo em tempo:

— Está morta... a minha irmã Eugenia, e fui eu que a matei!

Chegou a noite; uma deliciosa e clara noite.

De repente, vi como uma branca apparição, que parecia correr para nós.

Reconheci logo que era uma mulher,... uma senhora,... uma menina.

Quando se aproximou mais, soltei um grito de alegria. Era ella, senhor, era ella!

Poz um dedo nos labios, e, como Margarida vinha com ella, parou.

Chiquinho n'este momento estava cantarolando ainda:

— Está morta! A minha irmã Eugenia esta morta... e fui eu que...

Toquei-lhe levemente no hombro, e assim que elle se voltou para mim, estendi o braço para a branca e encantadora fada que nos sorria.

A esta vista, a criança ergueu-se de repente, deu um passo, juntou as mãos, e caíu de joelhos sobre a areia.

Houve um instante de silencio; depois, a donzella chegou-se a elle, beijou-o na testa, e estendeu-lhe os braços com este grito:

— Chiquinho! meu irmão! Chiquinho!

— Ah! respondeu elle com um impeto espontaneo. Ah! Conheço-te! És tu! minha irmã Eugenia! Eis-te outra vez, em fim! És tu!

E já estava nos seus braços. Cobria-a de beijos,... ria, chorava... já não estava louco senão de alegria!

— Bem vêem! disse-nos ella, restitui-lhe a razão, como elle me restituiu a vida! Deus quiz isto tudo assim; deviamos salvar-nos um pelo outro!

XI

E, suffocado pela commoção, o pescador fez uma ultima pausa.

Mas, atravez das suas lagrimas, não tardou que se sorrisse para mim. Aproveitei o ensejo para lhe perguntar:

— E... depois?

— Depois! redarguiu elle alegremente. Mas tudo isto passou-se ha dez annos, e a menina D. Eugenia chama-se hoje a senhora condessa d'Azambuja das Palmas!

O que! Pois aquella adoravel creatura, que eu ainda ha dias encontrei com os seus dois filhinhos pela mão...

— É a nossa querida resuscitada de outr'ora!

— E Chiquinho?

— Oh! Não ha de tardar muito para o vermos de novo. As ferias principiaram hontem em Lisboa! E... espere... espere... que lhe estava eu a dizer?

Um esbelto e gentil rapazito descia a correr a ladeira que conduz á praia.

Já o pescador se precipitava a ir ao seu encontro. Houve entre elles um ardente e franco abraço.

Depois, o meu velho narrador voltou-se para mim, e com o olhar resplandecente de festivas lagrimas:

— É meu filho, concluiu elle com altivez. É Chiquinho!

JULIO CESAR MACHADO.

FLORESTAS DA COCHINCHINA

Duarte Coelho, um dos capitães do grande Affonso de Albuquerque, foi quem descobriu, em 1516, o grande imperio de Annam ou Cochinchina, contra o qual hoje se dirigem as forças da França e Hespanha, para vingarem o ultrage que fizeram aos seus consules aquelles barbaros, como nós lhes chamâmos a elles, e elles a nós...

Andam os diarios estrangeiros cheios de noticias d'esta pendencia, mas nenhum sequer menciona que devem aos navegadores portuguezes do seculo XVI o descobrimento d'aquelle riquissimo paiz!

Para supprir essa debilidade de memoria, aqui lhe apontaremos algumas noticias exactas d'este nosso antigo feito.

João de Barros, [1] diz que Duarte Coelho fôra de Malaca, em um navio seu, descobrir a enseada da Cochinchina, por mandado d'el-rei D. Manuel, por ter sabido ser aquella enseada d'onde saiam mercadorias ricas. E acrescenta: A qual terra os chins chamam reino de Cacho, e os siamezes e malaios Cochinchina, á differença do Cochim do Malabar. Porém os nossos missionarios jesuitas, nas *Noticias do reino da Cochinchina*, livro de folio escripto em 1694, notam que não é facil dizer qual fosse a razão por que os portuguezes chamaram a todo este reino de An Nam, Cauchichina, Eochijchina, e Cochinchina, visto esta ultima palavra não ser usada das nações orientaes. O que parece (observam os padres) é que ouvindo os portuguezes chamar Kecho á corte, e vendo que os naturaes eram mui similhantes aos chins, comporiam com alguma corrupção o nome e voz Cochinchina, assim como chamam Faifo o que os naturaes chamam Hoaipho, e dizem Sinoá o que estes chamam Kehoe.

Seja como for, o certo é que o nome que os portuguezes pozeram ao Annam, foi adoptado por todos os geographos europeus.

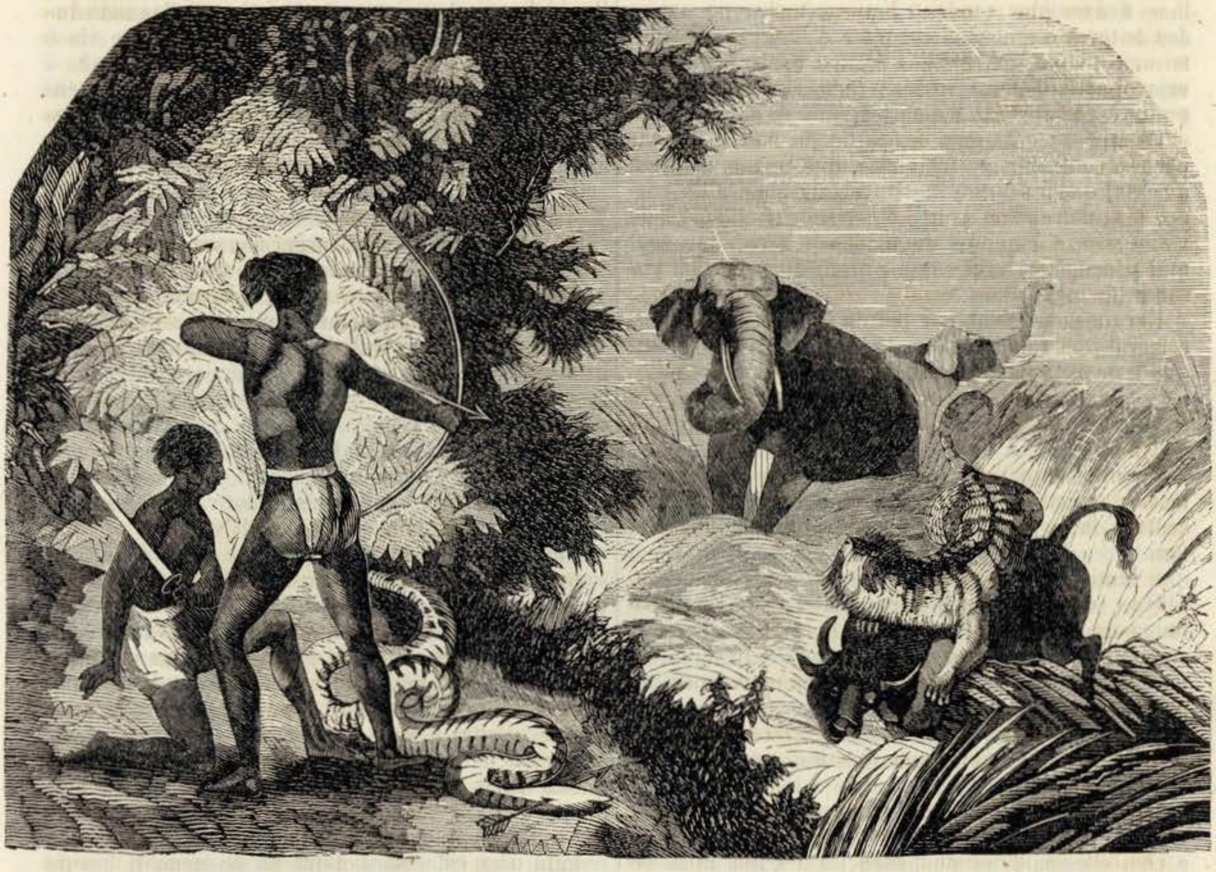
[1] Decada III, liv. 7, cap. 6.

Essas dilatadissimas terras da Asia, á beira do mar Oriental, confinantes com o imperio da China pela parte do norte, e para o sul cortadas pelo caudaloso rio Gianh, que desagua na enseada da ilha de Hainam, formaram sempre um grande imperio, pelos naturaes chamado *An Nam*, que quer dizer *Descanço do sul*.

Tem 160 a 170 legoas de comprimento, com pouco menos de largura, e uns 13 milhões de habitantes. Em tempos remotos foi sujeito e governado pelos chins, com absoluto dominio. Mas como as monarchias correm a mesma fatalidade das mais coisas sublunares, já cheios, já minguantes, ou fosse pelo mau governo dos mandarins, ou pelo natural desejo de se verem livres do pesado jugo de dominio estrangeiro, os cochinchinas sublevaram-se no seculo IX, matando o vice-rei e quantos ministros chins poderam alcançar, acclamando rei natural, a quem chamam *bua*, que quer dizer, supremo governador.

Desde então até hoje tem vivido independente este paiz, com mais ou menos territorio.

A Cochinchina tem umas 140 legoas de costa, toda



Florestas na Cochinchina

aberta com diversas barras que lhe fazem os muitos e caudalosos rios. As capazes de navios de alto bordo, são a de Phumoi, a de Nuocman, a de Faifo e a de Sinoá, que chamam dos Japões. Ha mais em Turam um formoso e espaçoso porto aberto pela natureza, em circulo de quasi um dia de caminho em circuito. A entrada fica entre dois montes que servem de balisas. É limpo e capacissimo de muitas mil naus de qualquer grandeza; porém só algumas podem surgir seguramente em um reducto, porque o porto fica aberto ao vento leste, que é travessão. Com um molhe se poderia fechar facilmente, e ficaria um porto segurissimo, e dos melhores que ha no descoberto; porém os reis da Cochinchina, não só não quizeram nunca fazer esta obra, mas tem prohibido a todos os estrangeiros tomarem aquelle porto, por se temerem de alguma armada inimiga. Ha tambem por toda aquella costa muitas ilhas perto de terra firme, e tem surgidouros para qualquer grande nau.

São os cochinchinas, commummente, de mediana estatura; a côr não é de todo branca, nos homens; o rosto achinado, mas não affeminado; o corpo robusto; o animo generoso; o genio inclinado ás armas e ás letras; o cabello é corredio e preto, assim dos homens como das mulheres; aquelles não o deixam passar da cinta para baixo; estas o deixam crescer até aos pés, e quanto mais comprido tanto mais estimado. Os homens todos com barba, quanta lhes dá a natureza, que só n'isto se lhes mostra pouco liberal. As mulheres não trazem fitas nem algum ornato na cabeça ou enfeites na cara. As pessoas principaes usam só de pequenas arrecadas, porém de mui ricas perolas; e são todas tão compostas no vestir, que poderiam ser exemplares a muitas pessoas européas; pois em logar de jubão trazem uma como tunica até aos pés, que fica sobre os vestidos interiores, tão apertada no pescoço, que para entrar na cabeça se faz uma pequena abertura sobre o hombro, a qual logo se fecha com botão. Sobre esta tunica vestem um roupão comprido até ao chão, com o qual escondem os pés, e com as mangas encobrem as mãos.

O vestir dos homens não é egual em todos, mas

conforme a diversidade do estado de cada um varía no roupão exterior; porque os letrados o trazem até aos pés, e com mangas muito largas e mui compridas. Aos soldados se lhes permitte até meia perna, com mangas curtas e mais estreitas, para ficarem desembaraçados no exercicio das armas.

(Continúa)

EXEMPLOS DE ADMIRAVEL ACTIVIDADE

D'um livrinho, que ha tempo se publicou em França, e no qual seus auctores Grandsagne, Jullien e Parisot procuraram reunir todas as regras, conselhos e exemplos tendentes a excitarem no animo dos leitores o amor do estudo e o desejo de economisar o tempo, extrahimos alguns exemplos de invejavel actividade, os quaes a todos recommendâmos e mui especialmente á puericia.

Os que se entregam á ociosidade não só se expõem a contrahir muitos vicios, que trazem comsigo a ruina, quasi sempre inevitavel, da alma e do corpo, mas defraudam-se a si e aos seus similhantes de valiosissimas riquezas de todo o genero, que com mui pouco, mas mui salutar trabalho poderiam gozar e liberalisar-lhes.

Em todos os tempos e paizes tem os philosophos e moralistas fulminado anathema contra os homens que passam a vida na vil ociosidade, desherdando, como elegantemente disse o nosso mestre e amigo o sr. Castilho, o presente e o porvir. Comtudo, baldados os esforços de tantos amigos da humanidade, a maior parte da gente, principalmente nos grandes fócos de população, a que tantas vezes chamâmos centros de civilisação, malbarata o tempo, como se fôra coisa de nada, ou como se se podéra haver o que tantas vezes e tão desgraciosamente se perde.

Que se diria d'um homem que lançasse para o fundo do mar avultadissimas riquezas, e se risse e vangloriasse de ter sumido n'aquellas insondaveis voragens o pão de muitos famintos, o vestido de muitos nus, a medicina de muitos enfermos, a educação de muitos desvalidos, a sciencia de muitos ignorantes, a prosperidade de muitos indigentes?

Dir-se-hia que o havia tomado a loucura, ou que infernal malvadez lhe havia corrompido o coração.

E que outra coisa faz, senão inutilisar thesouros, e com elles milhões de beneficios a que a humanidade tinha direito, o ocioso que desperdiça o tempo?

Louco, pois, ou mau se poderá chamar ao que dedica ao ocio tempo que devêra dedicar ao trabalho.

Desculpa-se que os infantes refujam das occupações serias, a que é mister il-os acostumando, para as distracções deleitaveis que a sua edade pede.

Mas não se póde admittir que mancebos e homens façam do ocio sua occupação predilecta, e considerem a actividade como uma condição penosa da sua existencia.

Para os que desconhecem os encantos do trabalho, e se não movem com maximas e conselhos, lhes pomos diante dos olhos os seguintes exemplos, que muitas vezes valem bem mais que as palavras.

Dyonisio, o tyranno, que posto ser tyranno foi negociante, general e poeta distincto, nada teria sido na sua turbulenta e indisciplinavel patria (Syracusa) sem a grande actividade que desenvolveu em toda a sua vida. Dos invejosos das suas glorias litterarias, uns negavam a bondade de seus versos, outros negavam que fossem feitos por elle. Do numero d'estes ultimos foi certamente aquelle rei de Macedonia, que estando n'uma orgia com o filho do heroe de Syracusa, lhe perguntou, em ar de mófa, como havia seu pae tido tempo para compor tantas poesias?

A resposta a tal pergunta não podia ser mais laconica, nem mais honrosa para o pae do infeliz principe. Meu pae, disse elle, compoz tantas poesias, porque consagrava ás musas o tempo que tu e eu consagrâmos ao vinho.

Aristoteles, o principe dos philosophos da antiguidade, cuja intelligencia abrangeu todos os conhecimentos do seu tempo, trabalhava incessantemente, comia pouco, e dormia ainda menos. Para não dormir mais do que queria, quando se deitava, estendia para fóra da cama uma das mãos em que tinha apertada uma bola de cobre, a fim de que, caindo esta n'uma bacia metallica, que estava no chão ao lado do leito, o despertasse com o ruido.

Percorreu a Grecia, conversando com todos que lhe podiam subministrar instrucções, indagando tudo, e tomando sempre apontamentos do que via e ouvia.

Á sua prodigiosa actividade deveu Cesar a influencia que teve na juventude, a qual lhe facilitou depois o executar tantas e tão admiraveis acções. Ninguem como elle conhecia tantas pessoas e tantas coisas, e ninguem como elle as conhecia melhor. Não se contentando de dar as suas ordens com admiravel clareza e perfeição, inspeccionava pessoalmente o que mandava fazer, activava os seus inferiores, e muitas vezes era elle o proprio executor. Dictar quatro cartas a um tempo era para elle coisa trivial.

A Cicero, nem os trabalhos politicos, nem as obrigações de advogado, nem os padecimentos interiores, serviram de obstaculo a que se dedicasse ao estudo profundo das seitas philosophicas da Grecia, e da litteratura e origens da Italia, e a que compozesse um numero d'obras muito maior do que póde escrever, de ordinario, um homem de lettras que não sáia da esphera commum.

Augusto, cuja extrema finura e habilidade nem sempre tem sido bem apreciadas, não perdia um momento. Á sua astucia e actividade deveu dominar o senado e as legiões, e vencer temiveis rivaes, tendo apenas dezeseis annos de edade. Foi sempre laboriosissima a sua vida. Ás horas da comida occupava-se d'assumptos litterarios; em quanto estava no banho dictava aos seus escreventes. Costumava fazer uma especie de agenda em que apontava tudo o que queria fazer, e o que tencionava dizer ao senado, ao povo e aos soldados. Tinha um jornal em que registrava todos os acontecimentos da sua vida, e redigiu uma estatistica geral do imperio, a fim de facilitar os trabalhos da administração.

Vespasiano, o primeiro imperador romano cuja dominação durou mais que alguns mezes, depois da dynastia dos Cesares, dispoz a sua vida de modo tal que perdesse o menos tempo possivel. Levantava-se todos os dias antemanhã, lia as cartas e memoriaes que lhe tinham enviado, ao mesmo tempo que praticava familiarmente com os amigos; entremeiando os negocios com as recreações, informava-se de tudo, dava immediatamente a sua opinião, e ordenava o que se deveria fazer com extrema facilidade. É d'elle aquelle celebre dito: Um imperador deve morrer em pé.

Plinio, contemporaneo e amigo de Vespasiano, fôra official de cavallaria, e no tempo d'aquelle imperador commandou a esquadra de Missenas. Nunca o desempenho das suas obrigações o tolheu de se dedicar a muitos e mui variados estudos. De dia cumpria exactamente os deveres que lhe impunham os seus cargos; de noite consagrava-se ao estudo. De tudo que lia fazia extractos, que ou elle proprio escrevia, ou dictava aos seus secretarios. Em quanto comia, estavam-lhe lendo. Durante o banho, e quando passeiava de carro, ou ouvia ler ou dictava aos seus escreventes. Nunca saíu sem levar comsigo um livro, e um copista. De tamanha actividade resta-

nos uma prova na sua *Historia Natural*, verdadeira encyclopedia da antiguidade, cujos defeitos de modo algum podem obscurecer o seu grande merecimento.

Não foi menor a actividade de Carlos Magno. Parece uma perpetua viagem a sua vida. O Ebro, o Elba, o Danubio, a Hespanha, Aix-la-Chapelle, Roma, vêem-no apparecer successivamente, e por differentes vezes. Commanda em pessoa setenta e duas expedições militares; assiste a egual numero de assembléas e concilios; quasi ao mesmo tempo, conquista, legisla, administra, reforma e civilisa. Protege a marinha, as artes, as sciencias, dedica-se a ellas, e ainda lhe sobram momentos para ensaios de calligraphia.

Alfredo, o Grande, dividiu as vinte e quatro horas do dia em tres partes eguaes, destinadas: a primeira á administração e negocios do estado; a segunda á leitura, estudo e exercicios de piedade; a terceira á comida, ao somno, aos exercicios corporaes, passeios, caçadas, etc. Como não tinha relogio, servia-se diariamente para regular o tempo de tres velas, de grandeza tal que só durasse accesa cada uma oito horas. Estavam as velas mettidas em lanternas á entrada do palacio. Os capellães iam avisar Alfredo quando cada uma se apagava.

Sully levantava-se, quer de verão, quer de inverno, ás quatro horas da manhã; lia os memoriaes que lhe tinham enviado, e dava-lhes destino. Ás sete horas ia para o conselho, o resto da manhã passava-o junto do rei; depois do jantar (que era ao meio dia) dava audiencia; terminada esta, trabalhava até á ceia: chegada esta hora, passava a viver para si, lendo, escrevendo, conversando com amigos intimos, e redigindo as suas memorias. O tempo, que por qualquer motivo imprevisto era obrigado a perder de dia, ressarcia-o de noite, dando mais largas horas ao estudo.

Até á velhice sempre Frederico, o Grande, se levantou ás quatro horas da manhã. A fim de não perder tempo, vestia logo o fato com que havia de andar todo o dia. Nunca deixou para o dia seguinte a resolução de negocio que lhe fosse possivel tomar immediatamente. Querendo vencer o habito que tinha de dormir muito, ordenou que para o acordarem lhe pozessem sobre o rosto um panno molhado em agua fria.

Buffon dormia muito pouco; e para que não acontecesse ficar na cama mais tempo do que julgava conveniente, deu ordem ao criado para que o fustigasse, sendo necessario, quando elle se não erguesse logo ao seu chamamento.

Winckelmann, como não tinha criado que o despertasse do somno, dormia sentado n'uma cadeira com uma campainha atada a um pé, a qual, tocando a qualquer movimento que elle fazia, o acordava.

Em vez de campainha usava Voltaire, como despertador, o café. Affirma-se que chegou, nos ultimos tempos da vida, a tomar sete chavenas d'aquelle infuso em cada dia.

O grande Cuvier lia, escrevia, ouvia ler e dictava em pé, assentado, em casa, no conselho d'estado, no conselho de instrucção publica, na carruagem, no banho, em summa, em toda a parte e sempre. Tinha tudo disposto de modo que não perdesse nem poucos minutos. Sobre a mesa do trabalho estava sempre aberto o livro em que estava escrevendo; em todas as casas tinha estantes com papel, pennas, tinta, sobre as quaes podia ler e escrever, assentado ou em pé.

Póde-se dizer que as obras de Cuvier, immortaes como seu auctor, foram o resultado d'esses quartos de hora, que elle tão bem sabia aproveitar, e que quasi todos nós perdemos voluntariamente!

JOÃO JOSÉ DE SOUSA TELLES.

A RAPOSA

Quem não conhece a velhacaria da raposa, ao menos pelas fabulas de Esopo, de Lafontaine, de Curvo Semedo, de Pimentel Maldonado?

E quantas não apanham, infelizmente, os que cursam os estudos, figuradas escholasticamente nos *r r* que significam reprovação nos exames finaes?

Não ha talvez animal mais symbolico e proverbial que este. Vêdes um homem velhaco, astuto, dissimulado, manhoso, coxeando, regougando ou resmungando da ventura alheia, armando ciladas e enganos para enredar o proximo, dizeis logo que é uma raposa, um raposo, ou um zorra, que todos estes nomes tem em portuguez o bicho que ahi tendes gravado.

A raposa, para em tudo ser manhosa, não obstante coxear sempre, porque a natureza lhe deu os pés direitos mais curtos que os esquerdos, corre que se desunha. Quando se vê muito perseguida pelos cães de caça, desagua na cauda, com tal fetido a raposinhos, que o olfacto d'aquelles animaes não póde arrostar com elle. Se porém o cão é tenaz que não lhe larga a cauda, deixa-lhe ella o pello, que é n'aquella parte bastissimo, e o cão fica enganado, cuidando que tem na bocca o rabo da raposa, e ella deita a fugir a bom fugir!

Finge-se morta para illudir as aves de rapina que vem ao cheiro de preza, e mal lhe não tem ellas posto o bico no pello, já a raposa está de bocca aberta, e em breves audiencias chia-lhe no papo a ave menos esperta que ella.

Sempre anda por atalhos, e entre o matto, nunca por estrada real. Quando quer passar por sitio onde ha gelo, primeiro põe o ouvido no chão, para escutar se corre agua por baixo; se a ouve correr não passa, porque tem medo que o gelo quebre, e ella fique afogada. Por isso diz o proverbio, que «devemos andar por onde anda a raposa.»

Sobre a raposa tem escripto os naturalistas e poetas muitas resmas de papel; entretanto parece-nos que ainda ninguem disse tanto como o elegante e sabio historiador dos animaes, o conde Buffon.

Vamos traduzir parte do que elle diz.

A raposa é famosa pelos seus artificios manhosos, e em parte merece esta fama. O que o lobo faz pela força, consegue ella pela astucia, e mais vezes do que elle.

É muito golosa de mel; accommette as abelhas silvestres, assim como as vespas e os vespões. As abelhas ao principio procuram afugental-a, penetrando-a com os seus ferrões; e com effeito a raposa foge, mas é para ir espojar-se sobre a bocca da colmeia subterranea, e por este modo esmagar as suas inimigas. Depois renova o ataque, por tantas vezes, que as força a abandonarem-lh'a e mudarem de morada. Então a escava e lhe lambe o mel, cera e tudo. Apanha tambem os ouriços cacheiros, e os rola debaixo dos pés para os obrigar a abrirem-se e estenderem-se. Finalmente come peixe, lagostins, escaravelhos, ruivos, gafanhotos, etc. Por isso, quando se diz que «a raposa anda aos grilos», é porque tem fome, e não acha outra presa.

Taes são os artificios, a industria e manha que a raposa emprega para prover á sua manutenção, manhas que nunca abandona, pois quando mudam as scenas, se em logar de atacar se vê atacada, o principal meio de defesa é ir enterrar-se no seu covil, que sempre faz profundissimo, e ordinariamente debaixo de rochedos, ou entre as raizes das grandes arvores, para o ter menos exposto ás vistas dos seus inimigos.

A raposa tem muita parecença com o cão; porém

nunca chega a domesticar-se: a liberdade parece ser o seu maior bem. Ainda differe mais do cão por um pessimo e fortissimo cheiro, que muito contribue para que se afaste das nossas habitações.

A raposa páre no principio da primavera cinco até seis filhos, não tem mais do que um parto em cada anno. A sua ternura é a mesma que a natureza inspira a quasi todas as mães, seja qualquer a fórma e o caracter que ella lhes tenha dado. Quando desconfia que a sua prole não está segura no covil, com toda a celeridade a transfere para outro. Os raposinhos gastam dezoito mezes ou dois annos a crescer, e vivem treze ou quatorze annos. Regougam, uivam, e no fim dão ladridos, ou lançam um som agudo e forte, similhante ao do pavão; tem differentes tons de voz, segundo os differentes sentimentos de que são affectados. Dão latidos na caça, e certos uivos nos desejos; tem uma rosnadura murmurante, um som de suspiros na tristeza, e gemidos na dor, sendo feridos fortemente pelas balas.

A raposa tem o somno tão profundo, que se póde chegar a ella sem a acordar.

Sem que intente combater os cães, nem os pastores, sem atacar os rebanhos, nem arrastar cadaveres, vive farta com menos perigo. Em tudo emprega mais industria que actividade. Os recursos encontra-os em si mesma, e, como é bem sabido, estes são os que falham menos. Tão fina quanto circunspecta, engenhosa e prudente, até mesmo na paciencia, sabe variar os seus planos, deixando sempre meios de reserva, os quaes sómente emprega quando as circunstancias o exigem, vigiando constantemente pela sua conservação.

Posto que egualmente infatigavel, porém muito mais ligeira que o lobo, nunca se fia inteiramente na sua corrida; e sabe pôr-se a salvo, cavando um



Raposa

asylo onde se acolha nos perigos imminentes, e onde se estabelece e cria os seus raposinhos. Por isto se vê que a raposa não é um animal vagabundo, mas sim domiciliado...

Aloja-se á beira dos mattos, e na visinhança das aldeias; d'alli escuta o cantar dos gallos, e o cacarejar das gallinhas, espreitando a occasião de lhes ir ao poleiro. Esconde o seu designio, e o seu caminho, introduz-se com destreza, arrasta-se, chega ao seu fim, e raramente faz tentativas inuteis. Se póde vencer os muros ou saltal-os, não perde um instante; assola ás capoeiras, põe tudo á morte, e retira-se logo com promptidão, levando a preza, que váe esconder, ou debaixo da relva ou no seu covil.

Alguns momentos depois torna de novo a buscar outra, que do mesmo modo leva e esconde, porém não no mesmo sitio, e assim continúa n'este vae e vem, até que o dia appareça, ou sinta rumor na casa que a avise para se retirar, e não voltar mais.

Da mesma arte se serve contra as armações dos passaros, onde vae tomar os tordos e gallinhas presas nos laços e aboîzes, precedendo o caçador em ir mais de uma vez ao dia visitar as aboîzes e as varas enviscadas.

Apanha as lebres novas no campo, e tambem as velhas nas moitas; e se foram feridas nunca lhe escapam; desenterra os láparos das covas, descobre os ninhos das perdizes e codornizes, apanha as mães nos ovos, e destroe uma infinidade de caça!

A raposa é tão voraz como carniceira; tudo come com egual appetite; ovos, leite, queijo, frutas, e particularmente uvas. Quando lhe faltam lebres e perdizes, lança-se aos ratos caseiros, ratinhos do monte, cobras, lagartos, sapos, etc., e de tudo consome grande numero. E é este o unico bem que faz.

A côr das nossas raposas é ordinariamente ruiva; mas acham-se tambem algumas cujo pello é russo argentado. Nos paizes do norte acham-se de todas as côres, pretas, azues, pardas-cinzentas, pardas-grisentas, côr de ferro, grises-argentadas, brancas, etc.

A pelle da raposa é de muita estimação, sobretudo da raposa prateada *(canis argenteus)*, de cauda preta, e cujo pello é prateado nas pontas. Na Turquia, só o sultão ou os altos funccionarios a podem pagar, porque cada pelle d'este bichinho custa ás vezes 50:000 piastras (100 mil cruzados!). Verdade seja que tem pello tão alto, fôfo e basto, que se póde n'elle esconder um ovo de gallinha.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio